CARTA ABERTA

Pela valorização do trabalho, pela saúde das equipes e pela segurança da operação

Nós, trabalhadores e trabalhadoras envolvidos na logística do transporte aéreo offshore, consideramos necessário tornar visíveis aspectos da nossa rotina que nem sempre são percebidos por quem observa a atividade de fora.

Nosso objetivo não é dramatizar o trabalho que realizamos, tampouco individualizar responsabilidades. Buscamos contribuir para uma discussão séria, técnica e humana sobre jornada, carga mental, fatores humanos, organização do trabalho, dimensionamento das equipes e saúde ocupacional.

A logística aérea offshore envolve muito mais do que acompanhar pousos e decolagens.

Trata-se de uma operação dinâmica, com grande volume de informações, necessidade de atenção contínua e responsabilidade permanente sobre diferentes etapas do processo.

Entre as atividades realizadas pelas equipes estão a programação e reprogramação de voos, acompanhamento das condições meteorológicas, monitoramento da disponibilidade das aeronaves, manutenção, abastecimento, organização de passageiros, interface com aeroportos e unidades offshore, acompanhamento de restrições operacionais e resposta às intercorrências que surgem ao longo do dia.

Também fazem parte dessa rotina demandas muitas vezes não previstas inicialmente, como cargas não programadas, voos emergenciais, necessidades ambientais, atendimento a comitivas e outras solicitações extraordinárias.

Cada nova demanda pode exigir reorganização da programação, revisão de prioridades, alteração de horários, redistribuição de recursos e comunicação com diversos envolvidos.

E tudo isso acontece enquanto a operação regular continua.

Quando todas as demandas são importantes, quem é prioridade?

Esse é um dos desafios permanentes enfrentados pelas equipes.

As diferentes áreas e clientes possuem necessidades legítimas e, frequentemente, urgentes. Para cada solicitante, sua demanda é naturalmente relevante.

Entretanto, quem está no centro da operação precisa enxergar o conjunto.

É necessário avaliar simultaneamente segurança, condições meteorológicas, disponibilidade de aeronaves, limitações operacionais, passageiros já programados, necessidades das unidades, horários, combustível, manutenção e consequências de cada alteração sobre o restante da programação.

Priorizar não significa simplesmente escolher quem será atendido primeiro.

Significa avaliar impactos, administrar recursos limitados, negociar expectativas e tomar decisões que preservem a continuidade e a segurança da operação.

Essa responsabilidade possui uma carga mental significativa.

Uma jornada de 13 horas exige ser considerada

As equipes permanecem 13 horas no posto de trabalho.

Uma equipe atua das 5h30 às 18h30 e outra das 6h30 às 19h30.

Não se trata de 13 horas de mera presença.

Durante toda a jornada existe acompanhamento permanente da operação, necessidade de atualização das informações, comunicação entre diferentes agentes e prontidão para responder às mudanças que surgem ao longo do dia.

São muitas horas de atenção sustentada, concentração, tomada de decisão, resolução de problemas e responsabilidade operacional.

O desgaste de uma atividade não pode ser avaliado exclusivamente pelo esforço físico envolvido.

Existe também o desgaste cognitivo e emocional decorrente da necessidade de manter vigilância, analisar múltiplas informações simultaneamente, administrar conflitos de prioridade e responder sob pressão.

Fatores humanos: pessoas também constroem a segurança

Quando falamos em segurança operacional, é fundamental falar de fatores humanos.

Muitas vezes, as pessoas são lembradas apenas quando se discute erro humano. Entretanto, no trabalho real, são justamente as pessoas que, todos os dias, ajudam a produzir segurança.

São profissionais que percebem uma alteração antes que ela se transforme em problema.

Que identificam uma informação incompatível.

Que fazem uma conferência adicional.

Que antecipam uma restrição.

Que comunicam uma mudança.

Que reorganizam uma programação diante de uma situação inesperada.

Que utilizam experiência, conhecimento e percepção para adaptar o planejamento à realidade da operação.

Procedimentos, sistemas e tecnologias são indispensáveis, mas nenhuma operação complexa funciona apenas porque existem regras estabelecidas.

Ela funciona porque existem pessoas interpretando informações, tomando decisões, fazendo conexões e respondendo a situações que nem sempre podem ser integralmente previstas.

Por isso, os fatores humanos não devem ser vistos apenas pela perspectiva da falha.

Pessoas também são fonte de segurança.

São elas que criam barreiras, recuperam situações, evitam que pequenos desvios evoluam e mantêm a operação funcionando diante da variabilidade cotidiana.

E justamente por exercerem esse papel, precisam trabalhar em condições que favoreçam atenção, concentração, comunicação, recuperação e capacidade de decisão.

Cansaço, pressão excessiva, jornada prolongada, sobrecarga cognitiva e ausência de tempo adequado de recuperação não dizem respeito apenas ao bem-estar individual.

São questões que também precisam ser consideradas sob a perspectiva da segurança operacional.

Em períodos de crise, a complexidade aumenta

Nos dias de maior instabilidade operacional, as exigências tornam-se ainda mais evidentes.

Condições meteorológicas adversas, restrições de aeroportos, indisponibilidade de aeronaves, manutenção não programada, atrasos, acúmulo de voos transferidos e alterações sucessivas podem modificar completamente uma programação.

Nessas situações, não basta acompanhar os acontecimentos.

É necessário reconstruir a operação durante a própria operação.

Enquanto determinados problemas estão sendo solucionados, outros voos continuam acontecendo, novas solicitações chegam e outros clientes aguardam respostas.

A equipe precisa manter a visão global do sistema e, ao mesmo tempo, acompanhar cada detalhe que possa produzir novos impactos.

Quando eficiência é confundida com simplicidade

Uma equipe experiente pode fazer um trabalho extremamente complexo parecer simples.

Problemas são antecipados.

Informações são organizadas.

Conflitos são administrados.

Mudanças são absorvidas.

A operação continua funcionando.

Porém, o fato de o resultado final parecer organizado não significa que o processo tenha sido simples.

Muitas vezes, a aparente tranquilidade da operação é justamente resultado da experiência, do conhecimento técnico e do esforço contínuo das pessoas que estão trabalhando nos bastidores.

Por isso, entendemos que qualquer avaliação sobre essa atividade deve considerar o trabalho real e não apenas aquilo que é visível externamente.

Uma operação que funciona bem não é necessariamente uma operação simples.

Pode ser uma operação complexa sustentada por profissionais experientes e comprometidos.

Saúde mental também é segurança do trabalho e segurança operacional

A discussão sobre saúde mental não pode se limitar ao indivíduo.

Quando surgem relatos de sofrimento, sinais de sobrecarga ou afastamentos dentro de uma equipe, é necessário acolher cada pessoa, mas também analisar o contexto em que o trabalho está sendo realizado.

É preciso perguntar:

A jornada é adequada às exigências da atividade?

O dimensionamento das equipes é compatível com o volume e a complexidade das demandas?

A carga cognitiva está sendo considerada?

Existem pausas e condições adequadas para recuperação durante a jornada?

Os profissionais possuem recursos suficientes para responder às demandas?

Existe espaço institucional para que os trabalhadores sejam ouvidos?

Os fatores humanos estão sendo considerados nas decisões sobre organização do trabalho?

As mudanças operacionais estão sendo acompanhadas por avaliações dos seus impactos sobre as pessoas?

Essas perguntas não buscam culpados.

Buscam prevenção.

Porque saúde mental, saúde ocupacional, fatores humanos e segurança operacional estão diretamente relacionados dentro de um sistema complexo.

Tornar o trabalho visível também é uma forma de prevenção

Quando uma atividade complexa é tratada como simples, existe o risco de que suas exigências deixem de ser consideradas nas decisões sobre jornada, efetivo, organização do trabalho e condições de execução.

Por isso, tornar essa realidade visível é necessário.

Não buscamos privilégios.

Buscamos reconhecimento das características reais da atividade.

Buscamos diálogo.

Buscamos prevenção.

Buscamos condições de trabalho compatíveis com a responsabilidade que assumimos diariamente.

Diante disso, consideramos importante que sejam avaliadas, em conjunto com as representações dos trabalhadores e as áreas responsáveis:

* a jornada atualmente praticada e seus impactos;
* a carga mental e cognitiva da atividade;
* os fatores humanos presentes na organização do trabalho;
* o dimensionamento das equipes diante da demanda operacional;
* indicadores relacionados a afastamentos, absenteísmo e sinais de sobrecarga, preservando integralmente a privacidade dos trabalhadores;
* as condições de pausa e recuperação durante a jornada;
* mecanismos permanentes de escuta das equipes;
* medidas preventivas de saúde ocupacional e saúde mental;
* e o reconhecimento formal da complexidade e das responsabilidades envolvidas na gestão da operação aérea offshore.

A eficiência operacional não deve depender da capacidade contínua dos trabalhadores de ultrapassarem seus próprios limites.

Processos são importantes.

Tecnologia é importante.

Planejamento é fundamental.

Mas procedimentos não criam segurança sozinhos.

Pessoas criam segurança.

São elas que percebem, antecipam, ajustam, comunicam, aprendem e respondem à realidade de uma operação que muda continuamente.

Cuidar dessas pessoas não é algo separado da segurança.

É parte dela.

Não buscamos dramatizar nossa atividade.

Buscamos torná-la visível.

Porque aquilo que não é reconhecido dificilmente será considerado quando se discutem jornada, dimensionamento, fatores humanos, saúde, segurança e condições de trabalho.

Pela valorização do trabalho.
Pela saúde das equipes.
Pelos fatores humanos.
Pela segurança da operação.